

Mulheres no Egito sujeitas a violência generalizada em casa e na rua

(Visão, 21/01/2015) As mulheres no Egito continuam a ser vítimas de violência, tanto no espaço público, como no privado, protagonizada tanto por civis como por agentes uniformizados, apesar da aprovação recente de reformas, meramente “simbólicas”

Num relatório, que intitulou “Círculos do Inferno: Violência Doméstica, Pública e do Estado contra as Mulheres”, a Amnistia Internacional relata casos que vão do assédio sexual nas ruas às torturas sofridas por muitas detidas nas esquadras e prisões.

“A realidade é que as mulheres e as raparigas no Egito confrontam-se com o omnipresente espectro da violência física e sexual em todas as facetas da sua vida”, lamentou a diretora adjunta do programa da Amnistia para o Médio Oriente e o Norte de África, Hasiba Hadj Sahraui.

Esta dirigente da Amnistia Internacional detalhou que, em casa, muitas mulheres são submetidas a agressões e abusos por parte dos maridos e familiares, ao passo que em público sofrem “um assédio sexual constante e o risco de ataque por grupos, quando não são vítimas da violência dos funcionários públicos”.

Nos últimos meses, as autoridades tomaram algumas iniciativas para travar o fenómeno, como a promulgação de uma lei que penaliza o assédio, ma a Amnistia considera-as apenas “simbólicas”.

“As autoridades fizeram grandes promessas, mas na realidade avançaram muito pouco na reforma em profundidade que é preciso com urgência”, considerou Sahraui, que defendeu a colocação no assunto “no coração da agenda política” a propósito do aproximar das eleições legislativas de março.

Acesse no site de origem: [Mulheres no Egito sujeitas a violência](#)

Documentário mostra assédio sofrido por mulheres na cidade do Cairo

(El País, 10/01/2015) Como muitas jovens ocidentais que chegam ao Cairo, a norte-americana Colette Ghunim e a belga Tinne Van Loon ficaram chocadas com a onipresença do assédio sexual nas ruas da capital egípcia. Em vez de apenas expressar frustração, optaram por atacar o problema com sua arma favorita: uma câmera. As duas cineastas acabam de gravar um filme que estreia em breve e que aborda esta chaga: *People's Girls*[*Garotas da Multidão*, em tradução livre]. “O assédio sexual é constante. É difícil que não te afete. Você acaba se sentindo mal consigo mesma, como se fosse culpa sua”, lamenta Ghunim, nascida em Chicago, mas de origem palestina.

Um estudo recente elaborado pelo escritório das Nações Unidas que promove a igualdade de gênero mostra a magnitude dos problemas que são enfrentados pelas egípcias. Cerca de 99% das mulheres adultas declaram ter sofrido assédio sexual alguma vez e 50% dizem que são assediadas diariamente. Dessa forma, não é de se estranhar que 82% das egípcias não se sintam seguras nas ruas, e 43% inclusive evitem sair de casa se não for estritamente necessário.

Para o documentário, Van Loon e Ghunim escolheram dois protagonistas: Esraa, uma atriz amadora de 25 anos que trabalha no departamento de serviço ao cliente de uma multinacional, e Islam, um rapaz de 20 anos de um bairro pobre que ganha a vida dirigindo um *tok-tok*, os táxis de três rodas que circulam pelas vielas estreitas do Cairo. Seus pontos de vista sobre a

questão do assédio não poderiam ser mais divergentes.

Em suas horas livres, Esraa participa de atuações para conscientizar a população sobre o problema. Islam, por sua vez, como muitos egípcios, se mostra condescendente com os assediadores, e ele mesmo reconhece ter abordado algumas garotas na rua.

A gravação do documentário foi possível graças ao sucesso de [Creepers on the Bridge](#) [*Asquerosos na Ponte*], um vídeo de dois minutos postado em agosto para promover o projeto *decrowdfunding* [plataforma de captação de recursos on-line] da dupla. Inspirado em um popular vídeo que mostra o assédio sexual enfrentado por uma garota nas ruas de Nova York, Ghunim registrou com um celular as reações dos homens com os quais cruzava enquanto caminhava na ponte de Qasr al-Nil, no centro do Cairo.

“Nosso vídeo é mais honesto do que o do diretor Rob Bliss em Nova York. Ele condensa em dois minutos as experiências de dez horas da atriz perambulando pela cidade. Em nosso caso, o trajeto durou menos de dez minutos”, acrescenta a fotógrafa e cineasta belga. No vídeo, a maioria dos homens com os quais Ghunim cruza lança olhares maliciosos e comentários vulgares.

“O mais frequente são os olhares e comentários obscenos de desconhecidos, mas também tocar as partes íntimas é comum. Não se pode baixar a guarda. Às vezes me dá medo caminhar pela rua e pego uma pedra para me sentir mais segura”, comenta Esraa, cuja pior experiência aconteceu quando conseguiu escapar de um taxista que a levou para um descampado nos arredores com a provável intenção de estuprá-la.

Ao contrário do que diria a intuição, as situações de maior risco acontecem nos lugares de maior movimento, como manifestações, eventos públicos ou meios de transporte, e em plena luz do dia. Em junho, houve uma inesperada mudança na inércia comum das autoridades diante de um problema que não é novo, mas que foi se agravando com o passar dos anos. Uma jovem sofreu uma brutal agressão sexual de vários homens na emblemática praça Tahrir, [o epicentro da revolução de 2011](#).

O caso foi distinto porque aconteceu durante uma comemoração pela vitória do general Abdel-Fatta al Sisi nas eleições presidenciais e foi gravado com um celular. Pouco depois de postado nas redes sociais, se tornou uma sensação, e forçou al Sisi a reagir e transformar a luta contra o assédio em prioridade. Em um gesto para causar impacto, visitou a jovem agredida com um ramo de flores no hospital. Em questão de dias, o presidente assinou um decreto que tipificava pela primeira vez o assédio sexual como delito. O que as organizações de defesa dos direitos da mulher não conseguiram durante décadas de trabalho árduo, o vídeo conseguiu em uma semana.

O decreto, uma emenda ao Código Penal, prevê penas de seis meses a cinco anos dependendo da gravidade da agressão e se o infrator é reincidente. Além disso, também aplica multas de mil a 17 mil reais, uma quantia considerável se levamos em conta que o salário mínimo no país árabe não ultrapassa 235 reais.

Cinco meses depois da aplicação do novo decreto, que incluiu alguma condenação exemplar, os resultados são bem mais escassos. “Uma vez fiz uma denúncia, e a polícia me tratou como se eu fosse uma puta. Não penso em voltar a fazer isso”, lamenta Esraa. “Há um pouco menos de assédio nas ruas. Mas não basta uma lei. As raízes profundas do problema devem ser atacadas, provocar uma mudança cultural”, comenta Van Loon, que morou em outros países do Oriente Médio e acredita que nenhum lugar se compara ao Cairo nessa questão. “Em apenas um dia aqui posso vivenciar um número semelhante de casos de assédio que presenciei em Amã ou Ramallah em três meses.”

Entre os fatores que costuma destacar para explicar esse fenômeno, ela cita a frustração sexual que gera uma sociedade cada vez mais conservadora, mesclada com a ampla divulgação de vídeos eróticos através da televisão por satélite ou pela Internet. “Alguns especialistas afirmam que a causa é a crise econômica, o que elevou substancialmente a média de idade do casamento, especialmente entre os homens, aumentando a frustração sexual”, comenta Rasha Hasan, pesquisadora especializada em assédio que elaborou vários relatórios para diversas instituições.

“Apesar disso, acredito que o verdadeiro fator seja a falta de respeito em

relação à mulher e aos seus direitos”, alfineta Hasan; e lembra que a desigualdade de gênero na sociedade egípcia aumentou durante as últimas décadas devido à uma interpretação retrógrada do Islã incentivada pela Arábia Saudita. A fotógrafa belga concorda com o diagnóstico: “Não tenho certeza se a questão da idade do casamento seja a chave. Meu pior caso de assédio foi com um idoso de 70 anos. Para mim o desemprego juvenil é um fator-chave, e a frustração sentida por muitos garotos com suas vidas. O assédio é uma forma de elevar sua autoestima às custas da humilhação de outras pessoas”, diz Ghunim.

Um das justificativas mais desgastadas dos que desculpam esse tipo de comportamento consiste em atribuir a responsabilidade às vítimas, sobretudo, pela forma de vestir. No entanto, os dados refutam esse lugar comum. Segundo o estudo da ONU, cerca de 75% das mulheres assediadas se vestiam de forma recatada. “Uma das mulheres que entrevistei me disse que sofria assédio inclusive usando um véu que cobria totalmente o rosto”, diz Van Loon.

Ricard González

Acesse no site de origem: [Documentário mostra assédio sofrido por mulheres na cidade do Cairo \(El País, 10/01/2015\)](#)

Justiça egípcia condena sete homens à prisão perpétua por violência sexual

(BBC Brasil, 16/07/2014) Um tribunal egípcio condenou sete homens à prisão perpétua e dois outros a 20 anos de prisão por violência sexual contra mulheres, cometida no mês passado.

As mulheres foram atacadas no Cairo durante celebrações após a eleição do presidente Abdul Fattah Al-Sisi.

Acesse a íntegra no portal Compromisso e Atitude: [Justiça egípcia condena sete homens à prisão perpétua por violência sexual \(BBC Brasil, 16/07/2014\)](#)

Governo define indicadores para acompanhamento da saúde da mulher

(SPM-PR, 10/06/2014) A Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR) e o Ministério da Saúde trabalham na definição de indicadores para monitoramento da saúde da mulher, numa parceria com Organismos de Políticas para as Mulheres (OPMs). Técnicos dos dois órgãos realizam uma oficina para finalizar o sistema de acompanhamento da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Pnaism), em Brasília, nesta terça e quarta-feira (10 e 11/06).

A ideia é promover ações integradas. “A desigualdade deve ser trabalhada de maneira integral”, pontuou a secretária de Articulação Institucional e Ações Temáticas da SPM, Vera Soares. Promover medidas complementares é um desafio dos articuladores de política pública.



Técnicas da SPM e do MS participam da oficina nesta terça e quarta-feira. Foto: Roseli Garcia/SPM

A coordenadora de Saúde da SPM, Rurany Silva, ressalta que o objetivo do monitoramento é ter uma atenção de qualidade na saúde para todas as mulheres. Ao término da oficina, os indicadores para acompanhamento do Pnaism estarão validados.

A representante do Ministério da Saúde, Ana Cunha, disse que a partir da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento das Nações Unidas, ocorrida no Cairo (Egito) em 1994 foi possível dar um novo tom sobre direitos reprodutivos e a uma vida sexual da mulher. Ana Cunha defende que para a mulher exercer esses direitos, ela precisa ter acesso a serviços de saúde e informações.

Comunicação Social

Secretaria de Políticas para as Mulheres - SPM

Presidência da República - PR

Acesse o site de origem: [Governo define indicadores para acompanhamento da saúde da mulher](#)

Decreto de presidente interino do Egito criminaliza assédio sexual

(Folha de S.Paulo - 07/06/2014) O presidente interino do Egito, Adly Mansour, promulgou nesta sexta-feira (6) decreto que transforma o assédio sexual em crime punível com até cinco anos de prisão.

A medida é uma das últimas de Mansour antes de ele transferir o poder,

neste domingo (8), a Abdel Fattah al-Sisi, o ex-chefe militar eleito presidente no fim do mês passado, com 96,9% dos votos.

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Decreto de presidente interino do Egito criminaliza assédio sexual](#)

Leia também: [União Interparlamentar pede ação global para fim da violência a mulheres no Egito \(Rádio ONU\)](#)

Egípcias denunciam mais de 250 casos de violência sexual em um ano

(Exame.com, 16/04/2014) Mais de 250 casos de violência sexual contra manifestantes egípcias foram registrados no país entre novembro de 2012 e janeiro de 2014, segundo um relatório divulgado nesta quarta-feira pela Federação Internacional de Direitos Humanos (FIDH).

A organização denunciou que o assédio sexual é um dos principais obstáculos para a participação das mulheres na transição política do Egito.

Além disso, considerou que os últimos governos não tomaram as medidas necessárias para dar fim à violência contra as egípcias, que continua sendo cometida “impunemente”.

Segundo o presidente da FIDH, Karim Lahidji, nenhum dos autores desses crimes “foi resolvido pela Justiça”, e o clima de impunidade “contribui para que se repita e se banalize na sociedade a violência contra mulheres”.

Os ataques às manifestantes representam a forma “mais visível de um

problema sistêmico de longa história”, já que as egípcias sofrem assédios físico e verbal na rua, nos meios de transporte, nos locais de trabalho e em outros lugares públicos, apontou a federação.

A organização também criticou que frequentemente se acuse - em todas as esferas sociais, da família às instituições - as vítimas de ter “causado” os incidentes.

A vergonha impede a maioria das assediadas a denunciar os crimes e, quando fazem isso, as autoridades tendem a não acreditar ou minimizar a gravidade dos ataques, acrescentou.

Nesse sentido, a FIDH destacou que, apesar de que a nova Constituição proteja as mulheres da violência, “as autoridades ainda têm um longo caminho a percorrer contra o fenômeno, que tomou proporções de uma epidemia”.

A ONU pediu em março ao Egito que vele pela segurança de mulheres e meninas nos espaços públicos, após o caso de uma jovem que foi atacada por um grande grupo de estudantes homens na Universidade do Cairo.

Segundo uma pesquisa do Conselho Nacional da Mulher no Egito, 51,6% das mulheres consultadas admitiram ter sido assediadas verbalmente, 32% disseram ter sido vítimas de atos físicos e, outros 12%, de sequestros e estupros.

Outros estudos sustentam que 90% das egípcias reconheceram ter sido assediadas em público.

Com Agência EFE.

Acesse no site de origem: [Egípcias denunciam mais de 250 casos de violência sexual \(Exame.com, 16/04/2014\)](#)

Egito teve 250 casos de estupro em 3 meses, afirmam ONG's

(Terra, 16/04/2014) A violência sexual contra as mulheres continua a ser um flagelo no Egito, onde centenas foram abusadas desde 2011, especialmente durante manifestações, sem que os responsáveis por esses atos tenham sido processados , de acordo com um relatório de ONGs divulgado nesta quarta-feira.

“Os seguidos governos egípcios não combateram a violência contra as mulheres, e isso tem implicações importantes para a (sua) participação na transição política do país”, ressalta este relatório das organizações de defesa dos direitos Humanos.

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Egito teve 250 casos de estupro em 3 meses, afirmam ONG's](#)